

W. E. B. DU BOIS, UM EXEMPLO DE CLÁSSICO

Ademar Albuquerque¹

PPGCS/UFRN: <https://orcid.org/0000-0003-3439-6122>

DOI: 10.21680/1982-1662.2022v5n35ID31373

Resenha: DU BOIS, W. E. B. *As almas do povo negro* - 1ª edição. São Paulo: Editora Veneta, 2021.

William Edward Burghardt Du Bois (W. E. B. Du Bois) nasceu em 23 de fevereiro de 1868, em Great Barrington, Massachusetts, sendo descendente de africanos, holandeses e franceses. Seu pai abandonou a família dois anos depois e, apesar da pobreza, sua mãe fez o que pôde para que ele tivesse uma educação de qualidade. Graças à ajuda de vizinhos, Du Bois conseguiu fazer faculdade, formando-se na Fisk University em 1888 e continuando os estudos em Harvard, onde foi o primeiro afro-americano a receber o título de PhD.

O “espírito” de uma época é, frequentemente, apresentado pelos contemporâneos dela, sejam homens ou mulheres. Realizando movimentos de ida e de volta, dessa forma buscando no passado histórico e fazendo comparações com o presente, consegue-se apresentar alguns resultados que “não são os únicos possíveis para analisar os fenômenos históricos” (WEBER, 2004, p. 42), mas contribuem para um delineamento provisório daquilo que se pretende entender. O debate sobre “raça” é uma constante nas ciências sociais, nacional e globalmente, porém este se dava, amiúde, fazendo-se juízos de valor, criando assim uma dicotomia na qual se atribuía o adjetivo de inferior para aquelas raças que não faziam parte da hegemonia, esta entendida como a parcela da sociedade, em geral, que os brancos

¹ E-mail: ademar_albuquerque@hotmail.com

representam – e se representam – como superiores. As ciências sociais no final do século XIX estavam enraizadas nos ideais intelectuais que se popularizaram com o Iluminismo, este que surgiu durante os séculos XVII e XVIII na Europa. Tais ideais estavam, digamos assim, incrustados de concepções que foram desenvolvidas por homens-brancos e ganharam partidários que produziram e reproduziram modos de pensar uma realidade que lhes era a mais correta.

Determinado consenso afirmava a inferioridade dos negros e, nesse caso, encontram-se esferas da existência humana que corroboravam com isto, desde a religião até a questão trabalhista. Tais modos de pensar ajudavam na legitimação do racismo científico, que vinha passando por um processo de superação, cujo movimento ganharia um representante de peso a partir da consagração de W. E. B. Du Bois como o primeiro afro-americano a receber um título de PhD em uma universidade norte-americana de grande nome, Harvard, além de sua experiência de dois anos na Universidade de Berlim, na Alemanha. Ao acompanhar parte do trabalho desenvolvido pelo sociólogo norte-americano vê-se que o desafio assumido por ele foi o de desenvolver uma sociologia científica que permitisse, a partir dela, desmascarar as causas reais da opressão racial². O esforço nasce da constatação da existência do “sociólogo de vagão de trem³” (DU BOIS, 2021, p. 177), feita por ele e apresentado como aquele “homem que tenta entender e conhecer o Sul [dos Estados Unidos] dedicando algumas horas vagas em uma viagem de lazer e desvendar uma situação que vem de séculos” (Idem).

A afirmação referente a Du Bois ser um exemplo de clássico, presente no título desta resenha, distante de teimosia, é, na verdade, uma constatação do reconhecimento da recorrência em parcela das ementas e dos programas de disciplinas de graduação e de pós-graduação devotados às Ciências Sociais – Antropologia, Ciência Política, Sociologia – e de áreas afins – Psicologia, Pedagogia, História –, notada como prevaiente em relação às literaturas que são semelhantes aos trabalhos produzidos pelo autor. Apesar de uma erudição invejável, com leituras profundas que vão desde os gregos antigos até autores

² Nota-se que o autor, na obra aqui utilizada, não faz uso da expressão racismo, este significando uma atitude sistematicamente hostil, a uma pessoa ou grupo de pessoas (SANTOS, 1984).

³ Esta expressão aparece em outras traduções para o português brasileiro de outra maneira: “sociólogo de ‘janela de carro’”, por exemplo, que será encontrada adiante. Contudo, ambas as formas que aparecem no texto que segue significam a mesma coisa, e isso deve ser considerado ao se encontrar edições que apresentem uma das duas.

contemporâneos, ele não esquece as irredutíveis especificidades da sociedade estadunidense da época, sendo a partir dessas experiências que considerará a análise, trazendo à luz facetas subestimadas.

Em Du Bois (2021), já é possível encontrar critérios altamente liberais no que se refere a uma preferência pela não intervenção do Estado na vida individual. Mas, nesse caso, trata-se de um sujeito muito específico, o negro, que será entregue à própria (má) sorte e obrigado a ter de criar sua forma de viver naquela sociedade que sem qualquer esforço excluía sua participação da vida pública e política.

Ao assumir tal empresa o autor tomou como campo de pesquisa a sociedade estadunidense, situando-a historicamente no período pós abolição, evento também chamado de Emancipação. Esta etapa pode ser considerada como uma *individualidade histórica* (WEBER, 2004, p. 41), visto ser ela um “complexo de conexões que se dão na realidade histórica e nós [pesquisadores] encadeamos conceitualmente em um todo, do ponto de vista de sua *significação cultural*” (Idem, grifos do autor).

A missão desempenhada pelo nosso autor pode ser vista como fértil cientificamente no sentido de que sua análise privilegiou momentos específicos que são anteriores e contemporâneos à Emancipação, ainda mais, contribuiu para se pensar o futuro da condição do negro norte-americano. Du Bois nos diz ter sido a questão da escravidão do negro a real causa do confronto no que diz respeito ao que causou a Guerra Civil nos Estados Unidos, ocorrida no século XIX. Complementar a isso, ele parte para a defesa da tese de que o “problema do século XX é o problema da linha de cor” (DU BOIS, 2021, p. 35), algo que outro sociólogo também negro e norte-americano, Cornel West (2021), afirma ser ainda hodiernamente um problema.

Este problema é apresentado como questão das fronteiras – reais e simbólicas – que limitam o acesso a determinados direitos que os cidadãos podem usufruir por causa do reconhecimento da sua cidadania. E isto, para o recém-liberto nos Estados Unidos do pós Emancipação, se tornará um objeto a ser conquistado, cujo significado só pode ser valorado quando somado à liberdade recentemente conseguida.

Vivemos no presente um período de revitalização de autores e autoras que não foram devidamente reconhecidos e reconhecidas em relação aos seus trabalhos

em seus próprios tempos, contudo, isso não impossibilitou-os de se tornarem importantes. Esta importância entende-se, diz respeito ao que os resultados das pesquisas realizadas e os trabalhos feitos, de natureza diversa, apresentam como validade para a sociedade em geral, as “pesquisas sociais científicas certamente possuem consequências” (JOAS, 2017, p. 16).

Este é o ponto fundamental na carreira do intelectual aqui utilizado, pois será a partir dele que se desenvolverá uma ruptura com a “consciência dual” (DU BOIS, 2021, p. 23), na qual, afirma ele, passa-se pela “experiência de sempre enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros, de medir a própria alma pela régua de um mundo que se diverte ao encará-lo com desprezo e pena” (idem). A dualidade em questão traz à tona uma sensação: a de ser um norte-americano e um negro, apresentadas como um conflito.

Uma das obras de Du Bois, *As almas do povo negro* (2021), cuja primeira edição data do ano de 1903, aborda a questão da história do negro norte-americano como a história desse conflito.

O método utilizado pelo autor foi o da autoetnografia⁴, analisando sua própria história de vida, note-se essa situação, a partir do relato pessoal referente à troca de cartões que ocorrera entre as crianças da escola e uma “garota alta e recém-chegada, recusou o meu cartão” (DU BOIS, 2021, p. 21) ele parte e explora essa situação de maneira mais detida. Combinado com a coleta realizada etnograficamente, etapa que compreende os períodos em que ministrou aulas em escolas e que teve contato com pessoas de outros lugares diferentes do que ele havia nascido e sido criado.

Comparando suas experiências com a dos seus interlocutores e notando sofrimentos causados pelo período colonial naquele país, que se perpetuaram na vida dos negros mesmo após a Emancipação, vemos o desenvolvimento da sociologia pública du Boisiana, que influencia autoras e autores negros ao redor do globo.

Du Bois desejava desenvolver uma explicação dos processos de transformação na sociedade estadunidense no período pós Emancipação, em especial no que diz

⁴ Silvio Matheus Alves dos Santos resenhou o livro *The sociology of W. E. B. Du Bois: racialized modernity and the global color line* (2020) de José Itzigson e Kalida L. Brown, ainda não publicado em português, no qual os autores chamam atenção para o caráter do método utilizado por Du Bois em suas obras, salientando o detalhe do uso em dois livros, *Almas do povo negro* (1903) e *Dusk of Dawn* (1940), sendo no segundo destes dois que o autor analisa, mais detidamente, o lugar da raça no mundo moderno a partir da verificação da sua própria história de vida.

respeito ao modo no qual isso afetou a vida do homem negro. Esta afetação produziu um “espírito” capaz de fazer a própria vítima se reconhecer como uma categoria inferiorizada, pois dificultava uma mirada para si mesmo como uma pessoa digna de uma vida boa.

Toni Morrison (2019), em sua análise da romantização da escravidão, mostra como a literatura e a sua relação com a política produz discursos e como isso conduz um público de leitores, nesse caso, em especial, brancos - mas não apenas -, a ter sua mentalidade influenciada por determinadas formas de conceber a realidade. Um bom exemplo disso está na literatura produzida ainda no período anterior a Emancipação, com a publicação do livro *A cabana do pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, no ano de 1852.

O capítulo primeiro, *Romantizando a escravidão* (2019, pp. 21-40), é uma espécie de relato da autora que combinado à análise literária, traz o exemplo de como isso ocorre. Ao narrar a chegada de sua bisavó na casa onde morava ainda criança enquanto brincava com sua irmã, Morrison conta que a senhora aponta com a bengala na direção das duas meninas e acusa-as de terem sido adulteradas.

Ora, o objeto em questão é o estigma da bastardia (DU BOIS, 2021). Ao longo de dois séculos, mulheres negras escravizadas eram violentadas sistematicamente por homens brancos adúlteros e o resultado dessa demorada violência ameaçava os dois lados, o interior e o exterior, do véu. De um lado, as comunidades negras corriam o risco de desaparecerem, logo que o contato sexual inter-racial trouxe à existência os mestiços, sendo estes um tipo visto como grupo desqualificado, pois nos “Estados Unidos, uma mínima gota de sangue negro desqualifica uma pessoa de modo absoluto” (WEBER, 2012, p. 268). Por outro lado, misturar-se com um negro “do ponto de vista estético [...] constitui uma fator de aversão”, devido eles “terem sido um povo de escravos, isto é, um grupo estamentalmente desqualificado” (Idem, ibidem).

A questão trabalhista é uma dimensão que ocupa lugar nas reflexões durante o livro *Almas do povo negro*. Esta relação tornou-se relevante, visto o que estava ocorrendo com a transição de um modo de trabalho forçado para outro, no qual o emancipado poderia decidir como e para quem iria trabalhar. A preocupação do autor instala-se em aspectos dignos de atenção, pois uma transformação como a que estava em andamento trazia e trouxe condições antes não experimentadas

pelos agentes libertados. A formação recebida pelo liberto tornou difícil para ele aprender a aproveitar as oportunidades que já lhe estavam disponíveis, quando isso ocorria. Pois elas quase nunca estavam disponíveis, de fato, para ele, e sim para o branco (DU BOIS, 2021, p. 191), que dispunha de duas condições favoráveis para si, uma delas por ser dono dos meios de produção e a outra a partir do fato estar positivamente próximo destes donos.

Escolher seu empregador era uma novidade, bem como ser remunerado pelo trabalho. Mas, havia pontos em que a racionalidade econômica, que operava entre os escravizados durante dois séculos de expropriação, não garantia que eles saberiam o que fazer com o soldo recebido.

A ganância desmedida marcava o usufruto do dinheiro recebido pelos homens negros recém-emancipados. Como resultado disso, a pobreza continuava a marcar a existência dessas pessoas, agora ainda mais problematicamente, pois estavam circunscritas em um modo competitivo e “sem permissão para dedicar seu tempo e pensamento a seus próprios problemas sociais” (DU BOIS, 2021, p. 28).

Um resultado trazido por esse movimento foi o aparecimento do criminoso negro, um personagem, segundo o autor, que não deveria ser motivo de surpresa por duas razões: primeiro, pelo motivo já elencado acima e, em segundo lugar, pelo fator do aparato policial ter sido pensado para lidar apenas com escravos, situação esta que os negros estavam inseridos e que condicionou politicamente o negro no Sul à questão da criminalidade. Então, o negro era, *ipso facto*, um criminoso.

O controle sobre o “outro” é algo que o racismo científico garante, pois atua naquele fazendo-o se definir como tal: ocorre de maneira que o outro “outremiza-se”. Isto proporciona naturalmente um conforto, pois rende poder, seja social, político ou psicológico. Pensando bem sobre esse evento, pode-se começar a entender melhor como a hegemonia branca, de maioria política, não é desafiada a racializar-se, a se olhar como “outro”⁵.

O autor parte do mundo dos brancos – um dos dois mundos, que estão dentro e fora do véu, que ele se refere ao longo da obra –, e esta saída, afirma ele, trouxe-lhe pensamentos com outra aparência (DU BOIS, 2021). Os brancos vivem fora do véu, os negros no seu interior, e é este mundo que o autor utilizará nas suas interpretações. O raciocínio sociológico dele opera transformando categorias do

⁵ Devo esse raciocínio à reflexão trazida por Toni Morrison (2019). A “outremização”, ocorrendo entre o próprio outro e seus pares, se dá tacitamente, justificando-se, pois se é cúmplice.

senso comum em categorias científicas, a serem analisadas daí para frente.

Cornel West (2021) defende que, em pleno século XXI, a questão da linha de cor ainda é um problema, tal como afirmou Du Bois⁶ no começo do século passado. West chama nossa atenção para esse detalhe aprofundando a existência daquele véu, uma metáfora que pode ser entendida como um mal-estar, no qual se separa a vida do homem branco da vida do homem negro. Sendo o lado ocupado pelo primeiro mais privilegiado em vários, se não em todos, os aspectos.

Um aspecto teórico de suma importância desenvolvido por Du Bois é o conceito de consciência dual. Nesse contexto, que ele apresenta como o conflito da existência do negro norte-americano, se vê o modo como nosso sociólogo nos mostra um exemplo do mal-estar enfrentado pelos recém-libertos nos Estados Unidos. O que está em questão é a consciência cindida – nos moldes hegelianos mostrados em *Fenomenologia do espírito* –, que impõe ao indivíduo em questão uma dificuldade em reconhecer-se a si mesmo. Este conflito mostra-se como o obstáculo enfrentado pela consciência, nesse caso a do negro norte-americano, em conseguir encontrar a representação correspondente a uma unidade segura de sua própria existência. Dessa forma, o modo no qual se reconhece a si mesmo não é atravessado, simplesmente, pela maneira que o outro o reconhece.

O exemplo apresentado por Du Bois (2021), mostra o caso das representações e auto-representações que o homem negro nos Estados Unidos está exposto. Olhar para si mesmo era olhar-se com o olhar do branco e todas as definições que estes apresentavam como sendo próprias daqueles. Basta lembrar-se que o aparato policial foi pensado para lidar apenas com escravos, estes representados na figura do negro, o resultado direto disso será: o surgimento do criminoso, em especial do criminoso negro⁷. O que vai permitir realizar uma mudança, mesmo que inicial e de resultados a serem vistos em longo prazo, será a experiência em comunidades que, por causa do acolhimento realizado, conseguiu orientar o negro sobre o que fazer quanto às conquistas que lhes apareciam.

Algo que marca a experiência em comunidade diz respeito ao sentimento compartilhado entre seus integrantes, correspondente ao que eles já viveram e

⁶ Para boa compreensão deste termo, faz-se interessante notar que para Du Bois “linha de cor” (*color line*) é “entendida como a divisão e/ou a classificação de pessoas em grupos racializados que é, considerada por ele, a estrutura social erguida em seu próprio tempo histórico, como um produto do colonialismo e da escravidão transatlântica” (SANTOS, 2020).

⁷ Cf. Du Bois, 2021, p. 197.

presenciaram especificamente. Dessa forma, ninguém, além deles, poderá afirmar conhecer alguns sofrimentos vivenciados na própria pele – literalmente – e na alma. As comunidades estudadas pelo nosso autor são em especial de caráter religioso e a atenção dada na Igreja Negra⁸ ocorreu em função do acolhimento promovido pela instituição e pelo cuidado dado aos participantes dos cultos no interior desta. Além do zelo pelo sagrado, estas igrejas atendiam a população vítima de preconceito racial oferecendo atendimentos educacionais, algo que mostrou ao autor – que foi também um congregado, no caso dele sendo a igreja metodista a sua congregação – uma modalidade formal de religião apresentada como uma “instituição que preserva a moral , conduz a vida em família e dá a palavra final em termos do que é Certo ou Errado” (DU BOIS, 2021, p. 212). Dessa forma, ele mostra a entidade como um verdadeiro governo dos homens, nesse caso, em especial, dos homens negros.

O caráter do amadurecimento dessa organização, diz-nos ele, pode ser visto no comportamento dos seus contemporâneos. Homens e mulheres com sentimentos familiares mais sensíveis, pois o compartilhamento de desejos e ideais em comum aprofundam o sentimento de comunidade. Ainda mais, isto permitiria ao negro, em função das trocas positivas com seus pares, criar e manter uma consciência sobre si mesmo e, dessa forma, ver-se de maneira também positiva. Pois a partir disso passaria a olhar-se pelos olhos de outros que são seus pares e que podem – devido à atmosfera desenvolvida no interior do agrupamento – manter o apego entre si. O autor nota que a igreja apareceu antes do lar negro e que a primeira foi uma espécie de motor no aparecimento do segundo, visto que ela conduziu a uma forma de reformas, a partir da conversão sincera e honesta, das comunidades negras no período pós Emancipação. Du Bois elenca este período tendo em vista que a reprodução das formas de se relacionar que estavam ligadas à escravidão ocorria sem qualquer dificuldade, não apenas entre os brancos, como também entre os negros.

Isso aparece como uma ameaça às comunidades, tanto negras quanto brancas, mostrando-se como algo que se tentou resolver sob a forma da religião e do culto na comunidade religiosa negra, no que se pode chamar de uma reforma

⁸ Nomenclatura utilizada por Du Bois em *Almas do povo negro*, para as comunidades religiosas que eram, além de lugares de culto, centros sociais que contribuíam para a manutenção do sentimento de comunidade entre os negros norte-americanos, principalmente após a Emancipação.

protestante negra nos Estados Unidos pós Emancipação.

Du Bois desenvolve uma fenomenologia do comportamento, que não recebe este nome à época. A partir disso estuda a relação entre o homem negro, estadunidense, e o mundo que lhe é circundante, ou seja, nosso autor já ensaiava investigar o que se tornaria, em meados do século XX, a “carreira moral”⁹. No entanto, o reconhecimento ao esforço realizado pelo nosso autor apareceria apenas anos mais tarde. A contribuição du boisiana se refere à transformação de “raça” como categoria analítica, nosso autor consegue ter a sensibilidade de ser observador e, a partir das coletas de dados com seus interlocutores, notar como a experiência vivida pelo negro operava na vida deste. O que era atribuído a ela como algo negativo e que fazia alguém ter determinado comportamento foi ressignificado. Dessa forma, passou-se a olhar com mais cuidado para os elementos que a transformavam em um fundamento causador da alta taxa de criminalidade, como no caso do homem negro, por exemplo.

O negro no mundo dos brancos¹⁰ se via da mesma forma que estes viam aquele, ou seja, a representação dada pelo branco ao negro era incorporada por este, dessa forma, tornada carne. A consciência dual, uma leitura da consciência infeliz/cindida de Hegel¹¹, era o sofrimento vivido diariamente pelo homem negro estadunidense. Reconhecer-se era uma impossibilidade, pois não havia como realizar o exercício de se ver positivamente. Toda atribuição era feita de forma pejorativa, de modo que não existia o negro inteligente, educado ou com um comportamento adequado, e saber disso era saber-se incluído nisso tudo.

Vê-se no trabalho du boisiano uma obra vigorosa e rigorosa, primeiro porque se pode notar o esforço em conseguir analisar questões ditas como encerradas em suas interpretações e trazer um final além do óbvio. Questionar a estrutura existente é um trabalho que não pode deixar de ser feito pelo cientista, além disso, Du Bois está vivendo em um período em que “a estrutura do pensamento começou a orientar-se numa direção razoavelmente óbvia no período em que os problemas sociais começaram a ser tratados como se fossem de caráter científico e não de caráter teológico ou filosófico” (ELIAS, 2008, p. 58). Dessa forma, pode-se dizer,

⁹ Termo desenvolvido por Erving Goffman (1974) visando uma sequência regular de mudanças no *self* da pessoa. Trata-se de uma transformação em um “esquema (...) para julgar a si e aos outros.

¹⁰ Quando ocorria de algum negro, como é o caso do Du Bois, frequentar espaços hegemonicamente brancos, tais como universidades, instituições políticas, entre outras.

¹¹ Agradeço ao professor doutor Carlos Eduardo Freitas pelo raciocínio.

recorrendo a Norbert Elias (2008, p. 55), que “os cientistas são destruidores de mitos”; Du Bois segue tal percurso, notadamente, com o intento de inverter o caráter das interpretações que haviam se perpetuado até aquele momento, pelo menos nas ciências humanas, em especial na filosofia.

Em segundo lugar, o rigor científico característico deste intelectual é visto a partir das críticas feitas por ele, quando vê que as ciências sociais em sua época seguiam modelos ainda engessados e que reproduziam muita coisa do racismo científico, isso, sem julgamentos sobre o que poderia ser feito para se opor àquilo que se apresentava. Em que se sustentava a consciência de Du Bois em relação ao fato de que as teorias sociológicas de raça emergiram das mentes dos acadêmicos brancos? A existência de trabalhos acrícos sobre a questão do negro e, ainda mais, uma realidade na qual aqueles intelectuais apresentavam sua produção a partir de pesquisas feitas de seus escritórios ou bibliotecas. A isso, Du Bois cunhou um termo: “sociologia de ‘janela de carro’, pois, segundo ele, se baseava em uma sociologia feita de uma janela de um carro em movimento. Esta se tratava de ciência sem rigor, pois baseada em intuições, rumores, memórias de viagens e opiniões formadas sem embasamentos” (MORRIS, 2018, p. 153).

O “espírito” desenvolvido pelo trabalho deste intelectual negro influenciou vários outros autores em momentos diversos durante o século passado. Pode-se dizer, com certa ousadia, que isso trouxe à tona o que se conhece hoje por negritude, não apenas como uma ideologia – termo utilizado por detratores dessa expressão –, mas como um sentimento positivo de reconhecimento mútuo entre negros. Primeiro nos Estados Unidos, depois em países africanos, que sofreram com a colonização e tiveram suas identidades transformadas, perdendo seus enredos culturais carregados de ancestralidade.

É no ponto correspondente às explicações que se referem ao modo no qual a sociedade e os elementos que a compõem – nesse caso os indivíduos e as instituições que fazem parte dela – se relacionam entre si, que Du Bois é um clássico. Sua preocupação teve um *locus* específico, e isso é óbvio, visto que “a escolha de um tema raramente é neutra, e que ela geralmente é uma componente da experiência vivida do pesquisador, visto ser este o primeiro passo rumo à objetivação ou ao que poderíamos denominar ‘sociologia reflexiva’” (PAUGAM, 2015, p. 21).

O alcance do trabalho realizado por Du Bois, pelo menos o que é utilizado neste ensaio, é duplo. Em um primeiro momento, o autor visualiza a sociedade estadunidense do período analisado por ele, de maneira macro, após descrever o que ela havia se tornado a partir da Guerra Civil até o momento do pós Emancipação, trazendo uma reflexão sobre o problema da linha de cor como a causa daquela guerra. Num segundo momento, pode-se notar que sua atenção se volta, com muita sensibilidade, para uma visada micro e, assim, chega aos resultados dos processos de transformação daí ocorridos. Nota-se que a análise deste autor tem início em um processo de auto-socioanálise, compreendendo sua condição de negro e de norte-americano e segue para uma análise de caráter macro, na qual analisa, a partir de coletas feitas em campo, a situação de seus pares na sociedade estadunidense da época.

Vemos que a aceitação do Du Bois como um clássico das Ciências Sociais, em especial da Sociologia, nos dias atuais reflete o esforço deste autor em desenvolver análises e apresentar resultados relevantes para as pesquisas que fazemos hodiernamente. Sua obra é clássica, como afirma Jeffrey C. Alexander (1999), porque se faz necessário voltar a ela para vivenciar e assim compreender o que realmente vem a ser a condição do homem negro nos Estados Unidos, mas não apenas nesse lugar específico. Seu trabalho mostra-se como um ponto de apoio capaz de iluminar questões que fazem parte de sociedades que experienciaram situações semelhantes às deste país, como se pode observar no caso brasileiro.

Em síntese, encontra-se em W. E. B. Du Bois um trabalho merecedor de atenção, devido sua contemporaneidade e o modo como ele chegou até aqui. A linha de cor ainda é um problema em pleno século XXI, mas já se podem enxergar possibilidades de enfrentar isso de uma maneira, digamos assim, mais sofisticada, por exemplo, com relativo aumento da capacidade de participação política do negro permitindo pensar de forma mais otimista essa realidade. Ao longo do século XX viu-se várias tentativas, umas mais criativas que as outras, que investiram em caminhos que mostram a esperança da diminuição do preconceito racial e, mais, do respeito ao diferente daquilo que está estabelecido. A manutenção dos resultados dessa luta determinarão o presente e o futuro do homem negro sobre o globo.

Referências

- ALEXANDER, Jeffrey C. A importância dos clássicos. In.: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (org). **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- ELIAS, Norbert. O sociólogo como destruidor de mitos. In.: _____. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- JOAS, Hans. O que é teoria? In.: JOAS, Hans; KNÖBL, Wolfgang. **Teoria social: vinte lições introdutórias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- MORRIS, Aldon. W. E. B. Du Bois no centro: da ciência, do movimento dos direitos civis, ao movimento *Black Lives Matter*. pp. 150-170. Tradução: Annahid Burnett. **INTER-LEGERE** Natal, v. 1, n. 23, jul/dez, 2018.
- MORRISON, Toni. **A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- PAUGAM, Serge. Afastar-se das prenoções. In.: _____(coord). **A pesquisa sociológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo**. - São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.
- SANTOS, Silvio M. A. Sociologia de Du Bois, Modernidade Racializada e Agência, **Blog da SBS**, [publicado 11.11.2020]. Disponível em: <https://www.sbsociologia.com.br/2020/11/06/sociologia-de-du-bois-modernidade-racializada-e-agencia/> Acesso em: jun. 2022.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.
- _____. Relações comunitárias étnicas. In.: **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 4ª ed. 3ª reimpressão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.
- WEST, Cornel. **Questão de raça**. 2ª ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

Recebido: 19 jan 2023

Aceito: 26 jan 2023